

RESUMO EXPANDIDO

ESCOLA ANTIRRACISTA: Percepções sobre o Racismo no Ambiente Escolar do EETI - Prefeito Washington Luiz Régis da Silva em Manacapuru.

Cristovão de Souza Pessoa
Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar - Seduc-AM
cristovaopessoa@hotmail.com
Manacapuru - AM
Kennely de Oliveira França de Oliveira
Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar -Seduc-AM
oliveira.kennely@gmail.com
Manacapuru - AM

RESUMO

As relações existentes no ambiente escola são reflexos das relações existentes na sociedade, formas de tratamento pejorativo identificadas em apelidos, brincadeiras e elogios, revelam que as relações preconceituosas foram naturalizadas historicamente pela sociedade, as histórias e visões sobre a constituição étnica do povo brasileiro a partir dos povos africanos foram mergulhadas em impressões exteriores e estranhas aos povos que viveram tal realidade, dessa forma é importante discutir e desmistificar o que está posto como uma visão ou a naturalização das realidades existentes. Entender a gênese dessas relações, são o ponto de partida não só para combater tal prática, como reafirmamos e valorizarmos da nossa identidade enquanto um povo miscigenado, o enfrentamento das várias manifestações de racismo e preconceito, nos leva a valorização da diversidade cultural, que nos faz compreender a origem das desigualdades raciais e sociais, promovendo a justiça racial e social a partir do engajamento de todos, esta pesquisa consiste em identificar as várias formas de racismo e preconceitos praticados pelos alunos no ambiente escolar, atitudes que mesmo de forma sutil causa constrangimento, discutir os relatos de racismo na sociedade e traçar um paralelo com o que ocorre dentro no ambiente escolar, nos leva a reflexão sobre as formas de enfrentamento para construção de uma escola antirracista.

Palavras-chave: Escola Antirracista, Formas de Tratamento, Ambiente Escolar.

INTRODUÇÃO

O racismo pode ser compreendido como um conjunto de práticas, discursos e crenças que produzem discriminação e desigualdades com base na cor da pele ou na origem étnica, segundo Reginaldo (2018), trata-se da crença, historicamente apresentada como ciência e ideologia, de que a humanidade pode ser dividida em raças distintas e desiguais em capacidades físicas, morais e intelectuais. Compreender a origem dessas ideias é fundamental para combater

suas manifestações, como afirma Guimarães (1999, p. 12), “cada racismo só pode ser compreendido a partir de sua própria história”.

No Brasil, o racismo assumiu diferentes dimensões, especialmente a ideológica, responsável pela construção de estereótipos, pela naturalização das desigualdades e pela manutenção da população negra em posições de subordinação social, essas práticas influenciam diversas instituições, incluindo a escola.

No ambiente educacional, o racismo estrutural manifesta-se na sub-representação de autores negros nos currículos, na desigualdade de oportunidades e nas dificuldades de permanência e sucesso escolar dos estudantes negros. Nesse sentido, Ponce e Ferrari (2022) destacam que a escola pode tanto contribuir para a desconstrução de percepções negativas sobre a identidade negra quanto reproduzir o racismo por meio de ações e omissões.

Como resposta a esse cenário, a educação antirracista busca valorizar a diversidade étnico-racial e superar práticas discriminatórias, a Lei nº 10.639/2003 tornou obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira (BRASIL, 2003). Enquanto as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais fortalecem ações como a formação de professores, a inclusão de autores negros nos currículos e a valorização da cultura afro-brasileira (BRASIL, 2004).

Esta pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Tempo Integral Prefeito Washington Luís Régis da Silva, entre julho e novembro de 2025, no âmbito do Programa Ciência na Escola (FAPEAM), o estudo investigou manifestações de racismo no espaço escolar e analisou as percepções de 60 estudantes, 10 professores e 5 servidores da instituição, sob orientação dos professores Cristovão Pessoa e Kennely de Oliveira.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, fundamentada na integração entre pesquisa bibliográfica, documental e de campo, possibilitando compreender percepções, discursos e práticas relacionadas ao racismo no ambiente escolar.

O objeto de investigação consiste na identificação das manifestações de racismo no espaço escolar e na análise das percepções e atitudes dos estudantes sobre a temática. Para a coleta de dados, foram utilizados diferentes procedimentos metodológicos: levantamento bibliográfico de livros, artigos, teses e demais produções científicas sobre relações étnico-raciais; aplicação de formulários com questões abertas e fechadas acerca da percepção do

racismo e das práticas discriminatórias; realização de rodas de conversa com os estudantes, visando aprofundar relatos e reflexões; observação sistemática do cotidiano escolar em espaços como salas de aula, corredores, pátio, refeitório e eventos institucionais; e pesquisa documental sobre políticas e ações escolares voltadas à diversidade racial e inclusão.

Os dados foram analisados com base na técnica de análise de conteúdo de Bardin (2011, p. 125), envolvendo pré-análise, categorização, interpretação e confronto dos resultados com o referencial teórico. Por fim, os achados da pesquisa foram sistematizados em relatório final, socializados com a comunidade escolar e utilizados na elaboração de um plano de ação com propostas pedagógicas antirracistas, incluindo palestras, campanhas educativas e produção de livreto ilustrado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando questionados se os alunos acreditavam que existia racismo na escola, 56 estudantes responderam afirmativamente, enquanto apenas 4 negaram essa existência. Esse resultado demonstra que a maioria dos alunos reconhece o racismo como um problema recorrente no cotidiano escolar.

A segunda questão investigou se os estudantes já presenciaram algum colega sofrer racismo dentro da escola, 45 afirmaram que sim, enquanto 4 disseram não, e 11 não responderam, esse alto índice de testemunhos confirma a presença de situações reais de discriminação no espaço escolar. Os locais mais frequentes onde essas situações ocorreram foram: sala de aula (30 ocorrências), quadra esportiva (11) e refeitório (4). Isso demonstra que o racismo atravessa diferentes espaços escolares.

As palavras e expressões mencionadas pelos estudantes — como “macaco”, “cabelo de bombril”, “carvão”, “galinha de macumba”, “resto de asfalto” e outras — revelam um padrão de insultos voltados para características fenotípicas da população negra.

Como o racismo se manifesta no ambiente escolar? A categoria mais recorrente entre as respostas foi são brincadeiras “de mal gosto ou maldosas”, mencionada por 40 participantes. os apelidos racistas (4 respostas), forma de violência (11 estudantes). outras formas de manifestação foram mencionadas, como exclusão social (2 resposta), julgamentos pela cor da pele (1 resposta), piadas e olhares discriminatórios (1 resposta) e até mesmo ódio direcionado à pessoa negra (1 resposta).

Quando perguntado se os professores se sentem preparados (a) e se possuem alguma

formação ou curso para lidar com situações de racismo em sala de aula? 10 responderam que não possuem formação específica, 4 estão preparados e 6 se sentem preparados em parte, revelando que sabem como conduzir os casos de racismo mesmo sem formação específica.

Os dados coletados revelam que o racismo no ambiente escolar se manifesta, predominantemente, por meio de práticas cotidianas que, embora frequentemente naturalizadas.

CONCLUSÃO

Através dos resultados da pesquisa, é evidenciado que o racismo é uma realidade presente no ambiente escolar, sendo percebido e vivenciado pela maior parte dos estudantes com uma forma de brincadeiras. Os resultados apontam para a ocorrência frequente de apelidos relacionados as características fenotípicas da população negra, especialmente cor da pele e textura do cabelo, essas atitudes discriminatórias ocorrem, especialmente em espaços de grande circulação, como a sala de aula, os estudantes demonstram conhecimento consistente sobre o que é racismo e de que forma ele se manifesta, outro ponto evidenciado é a percepção de omissão institucional, já que a grande maioria dos estudantes acredita que a escola não toma providências adequadas diante das situações relatadas, porém ao consultar a gestão da escola, não há registro de tais denúncias, as sugestões dos estudantes para o enfrentamento do problema foram: palestras, projetos contínuos, rodas de conversa e maior rigor disciplinar.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 10 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, DF: MEC/SEPPIR, 2004. Disponível em: https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-diversas/temas-interdisciplinares/diretrizes-curriculares-nacionais-para-a-educacao-das-relacoes-etnico-raciais-e-para-o-ensino-de-historia-e-cultura-afro-brasileira-e-africana. Acesso em: 10 mar. 2025.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 1999.

PONCE, Branca Jurema; FERRARI, Andressa. Educação para a superação do racismo no contexto de uma escola pública. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 17, e19390, 2022. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.17.19390.005.

REGINALDO, Lucilene. Racismo e naturalização das desigualdades: uma perspectiva histórica. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2018. Disponível em: https://unicamp.br/unicamp/ju/artigos/direitos-humanos/racismo-e-naturalizacao-das-desigualdades-uma-perspectiva-historica/. Acesso em: 8 mar. 2025.